

Garibaldi une o PMDB, mas teme fogo amigo

Simon acusa presidente Lula de interferir na disputa

Leandro Mazzini
BRASÍLIA

Levado ao cargo mais importante do Congresso com a missão de unir o PMDB no Senado, Garibaldi Alves (PMDB-RN), o novo presidente da Casa, foi eleito ontem por votação em plenário, mas já foi alvo de fogo amigo, prova de que o partido continuará dividido — como na gestão de Renan Calheiros (PMDB-AL). Garibaldi disse que o PMDB está unido, entou o discurso de limpar a imagem do Senado junto à sociedade, mas terá como primeiro desafio arrefecer as vozes de aliados que nem tanto o são, como Pedro Simon (PMDB-RS), que foi à tribuna ontem acusar interferência do Executivo na escolha do senador potiguar para o cargo.

— A imprensa noticiou que Lula vetou meu nome porque me considera imprevisível e não confiável — discursou Simon, que disputou com Garibaldi a indicação do partido para a presidência. — Se é verdade, está configurada uma interferência grosseira e vulgar do governo no processo.

Garibaldi foi eleito por 68 votos, oito contra e duas abstenções, com a ausência em plenário dos senadores Romero Jucá (PMDB-RR), João Vicente Claudino (PTB-PI) e Mozarildo Cavalcanti (PTB-RR).

— Chego à presidência em um momento traumático para a Casa com os últimos acontecimentos — exclamou Garibaldi. — Convoco todos a partilhar comigo a árdua missão de devolver ao Senado, perante ao país, toda a credibilidade de sua trajetória histórica.

A tarde, visitou o presidente Lula



PODER — Senador assume cargo

“Convoco todos a partilhar comigo a árdua missão de devolver ao Senado toda a credibilidade”

no Planalto, só para se oficializar. A primeira conversa para valer será na semana que vem. Essa missão, no entanto, ficará para depois da votação da CPMF e do primeiro esforço: aliados orientaram Garibaldi a procurar Simon para tentar minar seu discurso que, aos ouvidos dos pares e da população, pode parecer como oposição ferrenha à sua gestão. Mais tarde, Simon afirmou que confia em Garibaldi e que não será a pedra no caminho. Mas, apoiado por cinco senadores que confiaram votos ao

gaúcho na disputa contra Garibaldi, alertou para o perigo de surgir um grupo do partido contra o novo presidente, como no caso de Renan. Simon lembrou que o Senado é comandado por caciques do PMDB, e que Garibaldi deve evitá-los.

— Garibaldi tem condições, mas ele deve ser firme contra José Samey (PMDB-AP), Renan Calheiros, (o deputado) Jader Barbalho (PMDB-PA) e o presidente Lula — avisou Simon. — A posse de Garibaldi pode ter passado por eles, mas depois da posse, acaba esse compromisso. Ele não pode ser complacente com eles.

Histórico ruim

Não bastasse o perigo do fogo amigo, Garibaldi terá de se esforçar para não ser alvo da maldição da cadeira. Desde 2001, três senadores caíram por causa de denúncias. Todos eles renunciaram para escapar da cassação: Renan, Jader Barbalho e Antonio Carlos Magalhães (veja arte). Garibaldi garantiu, no entanto, que não tem pendências judiciais. Mas desmandos de companheiros podem respingar em seu currículo e ameaçá-lo na cadeira.

Ontem, reportagem da *Folha de S. Paulo* vinculou o senador a caixa 2 da campanha dele para o Senado, embora ele não seja citado na denúncia do Ministério Público, que cercou apenas aliados. Segundo o *Informe JB*, o cunhado do senador, Marcos dos Santos, é alvo de investigações por tráfico de influência na gestão de Garibaldi no governo do Rio Grande do Norte.

— Garibaldi é uma pessoa honesta, séria, segura. Não terá problemas — defendeu Geraldo Mesquita (PMDB-MT).

>> A maldição da cadeira

Desde 2001, três presidentes do Senado caíram por causa de denúncias. Todos eles foram alvo de processos no Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Casa



2001
ANTONIO CARLOS MAGALHÃES
(ex-PFL)

Envolvido na violação do painel eletrônico para ver o resultado da votação de cassação do mandato do senador Luiz Estêvão.

Renunciou em maio para evitar ser cassado. Foi substituído por Jader Barbalho (PMDB), adversário figadal



2001
JADER BARBALHO
(PMDB)

Ficou poucos meses à frente do cargo mais importante do Congresso. Acusado de controlar cargos de direção da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e de desvio de verbas do órgão, o senador do Pará sucumbiu às denúncias e foi o segundo presidente a renunciar no mesmo ano à cadeira. Foi substituído por Ramez Tebet (PMDB-MS)



2007
RENAN CALHEIROS
(PMDB)

A primeira denúncia, a da suspeita de usar um lobista para pagar a pensão da ex-amante, com quem tem uma filha, abriu caminho para mais cinco processos no Conselho de Ética. Renan foi absolvido em duas acusações, teve outros três processos arquivados e um parou na Mesa Diretora. Num acordo com governistas e a oposição, para não desgastar a Casa, renunciou ao cargo este mês. Foi substituído por Garibaldi Alves (PMDB-RN)

